



# **Raízes protestantes da teologia latino-americana da libertação**

*Protestant roots of Latin  
American Liberation Theology*

**Claudio de Oliveira Ribeiro\***

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

## **Resumo**

A pesquisa trata das vertentes teológicas protestantes que marcaram a gênese da Teologia Latino-Americana da Libertação. Entre os resultados mais destacados da pesquisa estão realçados os aspectos teológicos enfatizados por círculos protestantes no contexto da Teologia da Libertação como a responsabilidade social cristã, a perspectiva ecumênica, a primazia da graça, a crítica profética em relação às formas idolátricas no campo sociopolítico e econômico e a eclesialidade de comunhão e serviço. Metodologicamente, sistematizamos as questões em um quadro cuja descrição está organizada em dois momentos. O primeiro deles privilegia a contribuição da primeira geração de teólogos da libertação, com suas correspondentes práticas sociais e ecumênicas, especialmente a de José Miguez-Bonino, Julio de Santa Ana e Rubem Alves. No segundo momento, daremos ênfase à teologia feminista de Elza Tamez e de Marcella Althaus-Reid, que se configurou nas décadas seguintes. As principais dimensões desta produção serão destacadas com a crítica bíblica à economia política e o

---

\*COR: Doutor em Teologia, e-mail: [cdeoliveiraribeiro@gmail.com](mailto:cdeoliveiraribeiro@gmail.com)

---

tema da justificação pela fé, caros à tradição teológica protestante, e com a reflexão sobre a sexualidade humana, sempre ocultada dos debates teológicos.

**Palavras-chave:** Teologia Protestante. Teologia da Libertação. ISAL. Teologia Feminista. Fé e política.

### **Abstract**

*The research deals with the Protestant theological trends that marked the genesis of Latin American Liberation Theology. Among the most outstanding results of the research are the theological aspects emphasized by Protestant circles in the context of Liberation Theology such as Christian social responsibility, the ecumenical perspective, the primacy of grace, prophetic criticism regarding idolatrous forms in the socio-political and economic field and the ecclesiology of communion and service. Methodologically, we systematize the questions in a board whose description is organized in two moments. The first of these focus the contribution of the first generation of liberation theologians, with they're corresponding social and ecumenical practices, especially José Miguez-Bonino, Julio de Santa Ana and Rubem Alves. In the second moment, we will emphasize the feminist theology of Elza Tamez and Marcella Althaus-Reid, that was configured in the following decades. The main dimensions of this production will be highlighted by biblical criticism of political economy and the theme of justification by faith, dear to the Protestant theological tradition, and by the reflection on human sexuality, always hidden from theological debates.*

**Keywords:** Protestant Theology. Liberation Theology. ISAL. Feminist Theology. Faith and Politics.

---

### **Introdução**

Os renomados teólogos católicos Leonardo Boff e Clodovis Boff deram uma sinalização precisa dos primórdios da Teologia da Libertação

no tocante às raízes protestantes dessa corrente teológica. Para eles, o quadro sociopolítico e eclesial da década de 1960

possibilitava na América Latina a coragem de os teólogos pensarem nossas questões pastorais com a própria cabeça, isto tanto do lado católico como do lado protestante (especialmente do interior de ISAL: Igreja e Sociedade na América Latina). Teólogos como Gustavo Gutiérrez, Segundo Galiléia, Juan Luis Segundo, Lúcio Gera e outros do lado católico e, do lado protestante, Emílio Castro, Júlio de Santa Ana, Rubem Alves e José Miguez Bonino começaram, mediante freqüentes encontros, a aprofundar as reflexões sobre a relação entre fé e pobreza, evangelho e justiça social (BOFF; BOFF, 1986, p. 97).

Essa referência foi possível graças aos canais de diálogo dos dois teólogos católicos com círculos ecumênicos que sempre realçaram que a Teologia da Libertação teve o início de sua base teórica com as reflexões na revista *Cristianismo y Sociedad*, uma articulação do movimento ecumênico latino-americano, sobretudo de ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina). Isso significa dizer que tal referência histórica feita pelos irmãos Boff tem a participação efetiva de personagens destacadas, como o teólogo Zwinglio Dias e o sociólogo Jether Pereira Ramalho, líderes de organizações ecumênicas que seguiram as trilhas de ISAL, como o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, hoje Koinonia Presença Ecumênica e Serviço).

Em nossas reflexões iremos realçar aspectos teológicos enfatizados por círculos protestantes no contexto da Teologia Latino-Americana da Libertação como a responsabilidade social cristã, a perspectiva ecumênica, a primazia da graça, a crítica profética em relação às formas idolátricas no campo sociopolítico e econômico e a eclesialidade de comunhão e serviço. A metodologia utilizada privilegiou a análise de fontes bibliográficas e as questões foram sistematizadas em um quadro cuja descrição está organizada em dois momentos. O primeiro deles privilegia a contribuição da primeira geração de teólogos da libertação, com suas correspondentes práticas sociais e ecumênicas, especialmente a de José Miguez-Bonino, Julio de Santa Ana e Rubem Alves. No segundo momento, daremos ênfase

à teologia feminista de Elza Tamez e de Marcella Althaus-Reid, forjada nas décadas seguintes, com a crítica bíblica à economia política e o tema da justificação pela fé, caros à tradição teológica protestante, e com a reflexão sobre a sexualidade humana, sempre ocultado dos debates.

## A responsabilidade social cristã

### A primazia da prática

A origem protestante da Teologia da Libertação sempre traz à tona o controverso debate sobre o título da obra *Da Esperança*, (1987) de Rubem Alves (1933-2014). Trata-se da tradução tardia de *A Theology of Human Hope* (Uma Teologia da Esperança Humana) da tese doutoral do autor denominada *Towards a Theology of Liberation* (Por uma Teologia da Libertação), publicada em 1968, nos EUA, cujo título foi modificado pelo editor para garantir maior acessibilidade aos leitores da época. O argumento foi que a expressão “esperança” estava tendo certo destaque devido à divulgação das obras do teólogo alemão Jürgen Moltmann e o termo “libertação” não era bem difundido na época. A obra, que realça a teologia como linguagem da liberdade, a partir de pressupostos da teologia protestante contemporânea e do contexto de “cativo e libertação” social, político e eclesial, é considerada a primeira produção sobre a Teologia da Libertação. Ela está referenciada ao contexto de reflexão teológica libertadora, marcado pela produção anterior de Richard Shaull (1919-2002), teólogo presbiteriano norte-americano que viveu muitas décadas no Brasil e é considerado um dos precursores da Teologia da Libertação. A base das reflexões em certo sentido está articulada com as experiências pastorais e políticas dos setores ecumênicos latino-americanos, em especial Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL), já referido pelos irmãos Boff, e o Setor de Estudos e Responsabilidade Social da Igreja da Confederação Evangélica do Brasil. Um ano depois, Gustavo Gutiérrez, padre católico peruano, escreveu o livro *Teología de la liberación*.

É fato que não se pode considerar a publicação de obras como marco fundante da Teologia da Libertação. Isto seria uma negação de seu próprio

princípio metodológico, o de partir das experiências práticas concretas. O foco teológico latino-americano são as ações e as experiências no contexto de libertação social e política e as vivências eclesiais renovadoras que foram experimentadas. Como se sabe, os anos de 1950 e 60 foram marcados, na América Latina, por intensas transformações nas esferas de ação das igrejas e da produção teológica, em geral procurando responder aos desafios que os processos de industrialização e de urbanização geradores de pobreza tanto no campo quanto na cidade, e ao enfrentamento dos processos repressivos que os regimes militares impunham à sociedade. A Igreja Católica Romana, motivada por mudanças ocasionadas pelo Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-65) e pela Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín (1968), experimentou uma nova eclesialidade a partir das atividades da Ação Católica formada por grupos como a Juventude Operária Católica (JOC), a Juventude Universitária Católica (JUC), e a Juventude Estudantil Católica (JEC) e, posteriormente, a partir da prática das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e das pastorais especializadas como a Pastoral Operária e a Pastoral da Terra, com apoio de setores da hierarquia firmados especialmente na “opção preferencial pelos pobres”. Nos setores protestantes, diversas experiências de renovação eclesial e outras mudanças ocorreram nas décadas de 1960 a 1980, com ênfases similares. Nos anos de 1970, as Comunidades Eclesiais de Base e a emergente Teologia da Libertação, especialmente no Brasil, tiveram as suas bases e raízes alicerçadas principalmente a partir de duas experiências: a vivência de comunidades pobres no mundo rural, especialmente de pequenos lavradores, e as práticas dos sindicatos de trabalhadores, no contexto urbano. O primeiro aspecto revelava uma série de esforços em favor de uma reforma agrária e isto se dava especialmente em contraposição aos interesses de grandes companhias agroindustriais e fortes grupos detentores de terra. A experiência sindical urbana centrava-se na relação entre capital e trabalho, com questionamentos e propostas em relação às condições injustas de trabalho e a uma melhor distribuição das riquezas. Em ambas as situações, os cristãos eram encorajados a pensarem sobre a sua vida em relação à fé bíblica.

Se de um lado as experiências das comunidades eclesiais de base e a de grupos católicos similares estavam fermentando um novo pensar teológico, por outro, no campo protestante uma série de experiências

populares, em geral engendradas por setores da juventude das igrejas evangélicas, por grupos ecumênicos e por lideranças das igrejas protestantes mais sensíveis à responsabilidade social, geravam novas perspectivas teológicas, não obstante o conservadorismo da maioria da membresia das igrejas evangélicas. A movimentação da juventude, em especial por formas de inculturação do Evangelho incluindo novas práticas sociais e litúrgicas, possuía um eco considerável na temática da responsabilidade social cristã, uma das ênfases teológicas deste período. No Brasil, por exemplo, atividades com comunidades de pescadores em Santa Catarina, com ligas camponesas no Nordeste, mutirões de jovens evangélicos em bairros pobres das grandes cidades e uma fermentação sociopolítica em contraposição aos regimes militares lançaram as bases para uma nova teologia. Ela seria ecumênica e libertadora (RIBEIRO, 2016).

Richard Shaull denominou esta tarefa de “teologia da revolução”. Embora estadunidense, viveu muitos anos na América Latina, tendo deixado marcas significativas de seu trabalho pastoral e docente, especialmente em meio à juventude. Em um de seus textos “Igreja e teologia na voragem da revolução”, de 1971, com versão para o português na obra *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação* (1985), o autor nos mostra que

Nosso ponto de partida deve situar-se na *práxis*, mas numa *práxis* de natureza muito especial: a que seja o resultado de nossa própria experiência de êxodo e exílio, ao desvincular-se da ordem de opressão social da qual somos vítimas, avançando cheios de esperança para uma nova terra da promessa, até a criação de uma nova ordem de existência social e pessoa (SHAULL, 1985, p. 125).

Shaull dedicou muitos esforços no diálogo entre fé cristã e marxismo. Ele se interessou pelas novas expressões de fé em seu contexto, relacionando sempre os dilemas da sociedade com os aspectos básicos da fé cristã. As obras *A Reforma Protestante e a Teologia da Libertação: perspectivas para os desafios da atualidade* (1993) e *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs* (1999), esta, escrita em conjunto com o sociólogo Valdo Cesar, revelam como o autor esteve “antenado” às questões emergentes das décadas que viveu.

Shaul sofreu perseguições políticas e eclesiásticas. Na obra *Surpreendido pela graça* (2003) ele reflete sobre esta trajetória com uma significativa teologia da história e da memória. Ele, como um dos precursores da Teologia da Libertação, também foi um dos grandes líderes do movimento ecumênico brasileiro, latino-americano e mundial.

### **Traços do movimento ecumênico**

Uma das concretizações dos ideais teológicos protestantes, e que se configura como base da teologia latino-americana, está presente no movimento ecumênico, que teve suas raízes em outros continentes ainda no século 19. Nas origens da utilização cristã do termo “*oikoumene*” relacionado à universalidade da fé, está a preocupação com a vida. A promoção da justiça e da paz e, acima de tudo, da vida, se revela como ponto de partida para a superação das fronteiras divisórias entre as confissões religiosas e para as ações de cooperação entre elas. As fontes do largo rio, simbologia cara a este movimento — que tornou possível a navegação do barco ecumênico e, mais tarde, a fundação do Conselho Mundial de Igrejas (1948) — foram geradas pelos movimentos internacionais pela paz, que intensificaram suas ações durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

O ecumenismo tornou-se uma das grandes realidades do século 20 e está presente hoje, no século 21, com forças e fragilidades notáveis. No Brasil e nos demais países da América Latina, mesmo que já houvesse uma densa e peculiar história em diferentes décadas, ele alcançou destaque no final dos anos de 1970 e início dos 80. Foram numerosos os eventos, os projetos educativos, pastorais e de intervenção sociocultural por todos os cantos do País, especialmente nas grandes cidades. A prática ecumênica, embora sempre conflitiva e minoritária no interior das igrejas, tornou-se uma realidade. Sempre ao lado do quadro de aceitação da proposta ecumênica esteve também o seu rechaço e, até mesmo, uma demonização por parte de amplos setores das igrejas — católica e evangélicas. A perspectiva conversionista das igrejas evangélicas no Brasil, somada a uma visão centralista no catolicismo romano gerou fortes tensões e reações contrárias à proposta ecumênica. No entanto, os grupos que se dedicaram às práticas sociais de

inspiração ecumênica contribuíram efetivamente para novas experiências pastorais e novas interpretações teológicas da realidade social e política. O ecumenismo foi compreendido não somente ou preponderantemente a partir da visão formal ou institucional das igrejas. Há, por exemplo, nos diferentes países latino-americanos, dispersa e fragmentariamente, dentro e fora das igrejas, articuladas ou não com os movimentos sociais organizados, uma série de experiências ecumênicas em curso de riqueza incalculável. Isto faz com que a proposta ecumênica mantenha sua relevância e continue mobilizando a atenção de amplos e variados setores da sociedade na busca da justiça, da paz e da integridade da criação.

Os primeiros movimentos e articulações em torno da unidade e cooperação entre as igrejas na busca da justiça, da paz e da integridade da criação resultam de um processo de atenção de cristãos e cristãs para uma releitura dos desafios do Evangelho. A tradição ocidental predominantemente individualista, da pregação da separação igreja e mundo e da não preocupação com as “questões terrenas”, havia fortalecido a tendência de pensar a missão da igreja como a pregação espiritualizada da mensagem cristã, com fins de mera adesão de novos fiéis. Isto se refletiu nas atividades das igrejas, cuja maioria estava voltada para a sua vida interna. No entanto, expressões teológicas como a do *movimento do Evangelho Social* nos Estados Unidos na passagem do século 19 para o século 20, influenciaram na transformação desse quadro com a busca de uma reflexão teológica dentro dos parâmetros protestantes que respondesse a situação das pessoas pobres e dos trabalhadores e trabalhadoras marcados pela exploração nas grandes cidades (RIBEIRO; CUNHA, 2013).

Essa trajetória da práxis ecumênica provocou processos de unidade e cooperação pela justiça, pela paz e pela integridade da criação em todo o mundo. Particularmente na América Latina viveu-se, nos anos de 1960, o nascimento, como já referido, do movimento Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL), em que se discutia a dimensão social da fé, a organização do movimento ecumênico em termos geográficos e temas como o subdesenvolvimento, a fome e a reforma agrária no Continente. A finalidade era levar às igrejas as bases bíblico-teológicas da responsabilidade sociopolítica dos/das cristãos/cristãs.



No Brasil, tais perspectivas teológicas encontram eco e respaldo no Setor de Estudos e Responsabilidade Social das Igrejas, da Confederação Evangélica Brasileira. Este setor teve relevância por ter sido o organizador de quatro conhecidas conferências, cujos temas nos dão uma noção das visões teológicas e pastorais propostas: “A responsabilidade social da Igreja” (1955), “A Igrejas e as rápidas transformações sociais no Brasil” (1957), “Presença da Igreja na evolução da nacionalidade” (1960) e, “Cristo e o processo revolucionário brasileiro” — a Conferência do Nordeste (1962), que se tornou a mais destacada delas. As ênfases teológicas e sociais incluíam um forte incentivo às comunidades evangélicas para a participação social e política. Além das temáticas, caracterizam a dimensão ecumênica da Confederação as contribuições de estudiosos renomados na esfera secular, tais como: Paul Singer, Gilberto Freire, Celso Furtado e Florestan Fernandes.

Dessa experiência surgiu nas décadas seguintes uma série de movimentos, organizações ecumênicas e conselhos de igrejas. Ações concretas em torno das questões agrárias e do sindicalismo urbano, esforços de educação popular na linha da “pedagogia do Oprimido”, contrainformação e registro das atividades políticas de diferentes grupos subalternos, reflexão teológica sobre as mais diferentes situações dos grupos empobrecidos formaram o variado espectro do trabalho ecumênico desenvolvido desde então. As entidades ecumênicas de serviço foram estruturadas e autoconcebidas de modo bastante diverso, o que impossibilita descrevê-las dentro de um só parâmetro. Dentre essa diversidade estão: vinculação orgânica ou não com as estruturas das igrejas, promoção ou não de eventos próprios, públicos alvos variados, extensão geográfica do trabalho, organização interna e outros aspectos. Entre o conjunto destas entidades estão: a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE), o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) (hoje Koinonia Presença Ecumênica e Serviço), o Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e à Educação Popular (CESEEP), o Instituto de Estudos da Religião (ISER), o Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), a Universidade Popular do Pará (UNIPOP) e uma diversidade de pequenas e médias organizações e movimentos similares.

Além da contribuição teológica, há em torno desses grupos uma densa cooperação com as análises sociais. Os nomes e as obras que se destacam são muitas, mas vamos lembrar, no campo da sociologia da

religião, apenas das contribuições de Jether Pereira Ramalho, Waldo Cesar e Antônio Gouvea Mendonça, que marcaram essa trajetória.

Algumas obras teológicas foram publicadas e deram suporte, tanto para as compreensões ecumênicas da fé e da eclesiologia quanto da temática da responsabilidade social vista em chave libertadora. É impossível listar todas elas e, por isso, destacaremos apenas *Discussão sobre a igreja* (1975), do teólogo presbiteriano Zwinglio Motta Dias. As reflexões contidas no livro apontam para a tarefa de “humanizar a cidade”, mostram a compreensão de que “o mundo é a antessala do reino de Deus” e que a “a igreja é uma comunidade em tensão” e que nela sobrevivem esperançosa e criativamente as dimensões da comunidade e da instituição, e que o ecumenismo é o novo rosto da igreja. Posteriormente, foi publicada *Lutero e a libertação* (1994), do teólogo luterano Walter Altmann. Apresentada por Leonardo Boff, a obra reelabora o pensamento de Martinho Lutero dentro do quadro de referências da Teologia Latino-Americana da Libertação. A obra destaca a noção luterana do “Deus da vida contra toda a falsidade dos ídolos da morte”, a “Escritura como instrumento de vida” e “as dimensões profética e reconciliadora da Igreja como povo pobre de Deus”.

### **A teologia protestante da libertação em outros cantos latino-americanos**

No continente latino-americano, resguardadas as peculiaridades de cada país, tais visões teológicas encontraram certo eco em círculos teológicos na Argentina e no Uruguai. Um dos mais destacados teólogos da libertação desta primeira geração é o argentino José Míguez-Bonino (1924-2012). Autor de dezenas de obras sobre a Teologia da Libertação e com temas específicos abordados a partir desse enfoque teológico, Miguez-Bonino teve atuação destacada no Conselho Mundial de Igrejas, chegando a ser um de seus presidentes, e foi observador da Igreja Metodista no Concílio Ecumênico Vaticano II. Ele foi professor e diretor da Faculdade Evangélica de Teologia (posteriormente denominada Instituto Superior Evangélico de Estudos Teológicos, ISEDET), um destacado centro da teologia latino-americana em chave libertadora. Outro

aspecto de destaque da atuação deste teólogo foi a sua eleição nos anos de 1980 para a Convenção Nacional Constituinte, que reformulou a constituição da Argentina após o período de ditadura militar. Um dos centros de sua reflexão, seguindo a tradição teológica protestante, é a relação entre o compromisso e a responsabilidade social e a transcendência do Reino de Deus, cuja presença no interior da história humana se dá por intermédio dos compromissos sociopolíticos pela justiça. Nesta relação, o teólogo articulou temas importantes como a eclesiologia e a cristologia, e a missiologia. Na diversidade de sua produção teológica destacamos *La fe en busca de eficacia: una interpretación de la reflexión teológica latinoamericana de liberación* (1977), com traduções para várias línguas e com certo impacto em diferentes círculos.

Miguez-Bonino se formou ao lado de Emilio Castro (1927-2013), uruguaio, que foi secretário geral do Conselho Mundial de Igrejas, e de lideranças pastorais de intenso carisma como o bispo metodista argentino Federico Pagura (1923-2016) e outros teólogos como Mortimer Arias (1924-2016) e Julio de Santa Ana (1934 - ), também uruguaio, uma geração de teólogos da libertação de singular contribuição teórica e prática. Este último, que igualmente tem relevante atuação no Conselho Mundial de Igrejas, atuou por algumas décadas no Brasil na articulação de organizações ecumênicas e populares, como o Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e à Educação Popular (CESEEP), um dos mais conhecidos espaços de formação e de articulação de lideranças da Teologia da Libertação e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista, onde é professor emérito. Nesse período, aprofundou a reflexão sobre os desafios pastorais no contexto latino-americano, enfocando a renovação eclesiológica a partir da experiência dos pobres, o ecumenismo e a crítica às instituições políticas e eclesiásticas. Dessa época é a conhecida obra *Ecumenismo e Libertação: reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus* (1987), que integra a coleção Teologia e Libertação elaborada pelos expoentes dessa corrente.

Julio de Santa Ana aprofundou a reflexão sobre os desafios pastorais no contexto sociopolítico latino-americano, enfocando a renovação eclesiológica a partir da experiência dos pobres, o ecumenismo e a crítica às instituições políticas e eclesiásticas. Ele é um dos nomes mais destacados

da teologia latino-americana da libertação, especialmente por ser um dos protagonistas da gênese desse pensamento teológico ao ser, em 1963, o primeiro editor da revista *Cristianismo y Sociedad* — a base teórica do movimento “Igreja e Sociedade da América Latina” (ISAL) e um dos marcos históricos do surgimento da Teologia da Libertação. Nos anos de 1970, devido aos processos de repressão política, Julio de Santa Ana é obrigado a sair do seu país e vai se exilar em Genebra, na Suíça. Nessa ocasião dirigiu a Comissão para a Participação das Igrejas no Desenvolvimento (CPID) do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e atuou em várias frentes do trabalho ecumênico, contribuindo especialmente com as análises sociais e econômicas e o impacto delas para os movimentos sociais e para as igrejas. Um dos projetos que esteve à frente foi “Por uma Igreja solidária com os pobres”, que teve impacto na formação de quadros das igrejas evangélicas em diferentes partes do mundo e também na articulação das bases da Teologia da Libertação. Como fruto desse processo, se destacam duas obras: *A Igreja dos Pobres* (1985), editada por Julio de Santa Ana, e outra escrita por ele mesmo chamada *A Igreja e o Desafio dos Pobres* (1980). Ambas trazem os principais desafios para a relação entre igreja e sociedade e as marcas básicas de uma eclesiologia popular. Júlio de Santa Ana prezou sempre pelo pensamento crítico e pela renovação das ideias. Defende com ardor que a teologia não pode ser uma repetição de fórmulas elaboradas em outros tempos e em outros contextos. Em diálogo com Hugo Assmann, Franz Hinkelammert e Ulrich Duchrow, Julio de Santa Ana contribuiu para os fundamentos e o aprofundamento das reflexões em torno da relação entre teologia e economia. Em *O Amor e as Paixões* (1989), ele apresenta uma densa crítica teológica à economia política.

Também em outras regiões da América Latina as raízes protestantes da Teologia da Libertação se formavam. Embora estadunidense, Jorge Pixley (1937 - ), teólogo de tradição batista, teve intensa atuação em países da América Central. Entre as suas obras de destaque está o livro da coleção *Libertação e Teologia*, escrito em conjunto com Clodovis Boff, *A opção pelos pobres* (1986) e *A História de Israel a partir dos pobres* (1991). Posteriormente, também na América Central, ganhou relevo o trabalho da teóloga feminista mexicana Elza Tamez, que atuou no Seminário Bíblico Latino-Americano e no Departamento Ecumênico de Investigação, da Costa Rica, onde

trabalhou com os teólogos católicos Hugo Assmann, Franz Hinkelammert e Pablo Richard, expoentes da Teologia da Libertação. Retomaremos os aspectos da contribuição desta teóloga.

Não se pode descartar a importância dos movimentos bíblicos latino-americanos. Eles semearam em diferentes cantos da América Latina novas perspectivas bíblicas e pastorais. Organizações ecumênicas como o Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), no Brasil, e várias iniciativas similares em outros países, possibilitaram produção de material, releituras criativas e indicação de caminhos práticos para a vivência cristã. A contribuição de biblistas protestantes foi considerável neste processo. Nomes como Severino Croatto (1930-2004) e Milton Schwantes (1946-2012) marcam os processos de formação bíblica e de debate de temas candentes da conjuntura sociopolítica, vista na perspectiva da tradição bíblica.

Outro movimento evangélico que reagiu e, com isso, contribuiu com a divulgação de alguns aspectos da Teologia da Libertação, especialmente o compromisso social com pessoas pobres foi a corrente teológica-pastoral denominada Missão Integral. Lideranças como o equatoriano Rene Padilla (1932 - ), o peruano Samuel Escobar (1934 - ) e o porto-riquenho Orlando Costas (1941 - ) tiveram interesse em conhecer o trabalho e as ênfases pastorais das Comunidades Eclesiais de Base, da Igreja Católica, e se esforçaram em difundir a dimensão da solidariedade e do serviço social nas comunidades evangélicas.

Esse testemunho dado pelas pessoas e grupos que viveram a gênese e o desenvolvimento do movimento ecumênico tal como o conhecemos e experimentamos, no mundo, e particularmente na América Latina, teve variados desdobramentos. Além disso, essa afirmação de que a unidade e a cooperação na promoção da vida, na dimensão da busca da justiça, da paz e da integridade da criação, é uma atitude ecumênica que supera fronteiras. É uma resposta ao Evangelho que nos convida a buscarmos “primeiro o Reino de Deus e a sua justiça” (Mt 6,33). São os primórdios da Teologia Latino-Americana da Libertação.

## **A teologia feminista protestante latino-americana**

Como se sabe, tanto no contexto mais global da Teologia da Libertação quanto nos espaços de reflexão teológica protestantes, as ênfases feministas, por diversos motivos ideológicos, não foram e não têm sido realçadas adequadamente. Como o nosso propósito é oferecer um quadro das raízes protestantes da Teologia da Libertação, julgamos que seria adequado destacar contribuições relevantes que nem sempre são devidamente consideradas. Para isso, buscamos duas referências que fazem parte de uma segunda geração e que tem aberto caminhos com novas interpelações teológicas. Trata-se de Elza Tamez, já referida, e Marcella Althaus-Reid, teóloga argentina, que se destacou pela crítica à produção teológica latino-americana por esta não ter considerado os temas da sexualidade humana.

### **A crítica bíblica à economia em Elza Tamez**

Elsa Tamez (1951 - ) é uma teóloga e biblista mexicana destacada no cenário teológico mundial. De tradição protestante, a teóloga se dedicou à pesquisa bíblica e aos estudos de literatura e linguística. O cruzamento de duas perspectivas — a crítica feminista aos processos sociais e eclesiais e à crítica teológica à economia política —, somado às experiências da autora no campo ecumênico, criou as bases do pensamento de Elsa Tamez. Tais bases coincidiam com a efervescência da produção teológica latino-americana, em especial o aprofundamento bíblico da Teologia da Libertação. As vivências pessoais, sempre acompanhadas de uma profunda reflexão teológica, que a autora experimentou durante os anos tensos de guerras civis na Nicarágua, El Salvador e Guatemala a levaram a refletir sobre a vida como tema teológico fundamental. A autora explicita aspectos cruciais do método teológico latino-americano:

A história narrada pelos diversos relatos bíblicos é uma história de opressão e de luta – como o é a história de nossos povos latino-americanos: na nossa história atual também podemos discernir a continuidade da revelação

divina. Por isso, cremos que refletir sobre opressão/libertação não significa abordar um tema bíblico a mais: trata-se da medula de todo o contexto histórico onde se desenrola a revelação divina; e só a partir deste centro podemos compreender os significados de fé, graça, amor, paz, pecado e salvação. Aí está a grande importância desta tarefa (TAMEZ, 1980, p. 7-8).

Associada à perspectiva dos pobres, marca fundante da Teologia da Libertação, a reflexão bíblica de Elsa Tamez foi centrada no contexto das mulheres, à luz de uma realidade mais inclusiva e justa e em sintonia com o espírito dos textos bíblicos, no qual o amor e a graça de Deus estão acima e em contraposição aos valores culturais patriarcais.

A autora tem refletido, desde uma perspectiva bíblica, sobre a hegemonia do modelo econômico capitalista e as influências dela para a vida cotidiana. Vários de seus livros expressam tal preocupação. Seguindo as ênfases da teologia latino-americana da libertação e tendo como perspectiva a tradição teológica protestante na qual foi formada, Elsa Tamez privilegiou em suas reflexões a temática teológica da justificação pela fé, partindo da visão das pessoas e grupos excluídos da dinâmica social marcada pela marginalização e opressão. A premissa é que “todos, não uns poucos, têm direito a viver dignamente como sujeitos, porque a vida é dom de Deus” (TAMEZ, 1995, p. 262).

A perspectiva teológica apresentada pela autora oferece bases bíblicas sobre a justificação pela fé que podem, não obstante às distinções de época e cultura, servir de parâmetro hermenêutico para o discernimento da realidade socioeconômica e cultural, incluindo o dado religioso, em geral marcadamente desigual e injusta. A concepção da gratuidade, que inclui aqueles e aquelas que estavam em condição de exclusão por motivos de lei religiosa, a visão da justiça de Deus como segurança e empoderamento dos pobres, que os leva a perceber a boa nova da justiça de Deus como contraponto à realidade opressiva vivida, a noção de senhorio de Deus, que não se trata de relações assimétricas e de escravidão entre o divino e o humano, mas de ver a justificação pela fé como reorganização da vida de tal forma que as pessoas se sentem libertas e guiadas por Deus para viver justa e dignamente, e superarem o sentimento de impotência diante do poder dos ídolos, são elementos do referido parâmetro bíblico-teológico. Soma-se a isso, a crítica ao império, que se justifica entre

os outros fatores pela lógica da justificação por méritos, que fundamenta sistemas orientados pelo critério de rentabilidade que apregoa a salvação por meio do lucro, da privatização e da submissão à lei de acordo com os recursos próprios, simbólicos ou materiais, o que gera a exclusão de parcelas consideráveis de pessoas do processo salvífico e de perdão das dívidas.

A justificação pela fé se constitui em boa nova para as pessoas pobres por eliminar o peso que está sobre elas gerado pelo sentimento de culpa imposto pelas ideologias religiosas e socioeconômicas de que elas próprias são responsáveis pelo sofrimento em que vivem. A justificação pela fé também se constitui fonte de boa nova devido ao elemento da solidariedade divina, raiz da justificação, diante do sofrimento humano, expresso, sobretudo, naquele que na fé cristã é o “excluído por excelência”, Jesus Cristo. Outro aspecto é que a justificação se dá pela fé e não pela lei, o que remete às pessoas pobres a outro patamar de vida, não mais como objeto de leis ou sistemas, religiosos ou econômicos, mas como sujeitos históricos que praticam a justiça, não obstante às contradições e ambiguidades que todos os humanos carregam. A boa nova também se dá pela incorporação de um novo estágio de vida que, em suas dimensões existenciais, não esquece o passado vivenciado como vítima excluída pelo pecado. Tal visão não se torna uma forma de vitimização, mas possibilita às pessoas pobres a postura de não submeterem outras pessoas e grupos à exclusão e terem consciência de que foram acolhidas por Deus, não por serem justas, mas por solidariedade misericordiosa (TAMEZ, 1995).

### **A teologia indecente de Marcella Althaus-Reid**

Teóloga protestante nascida em Rosário, Argentina, Marcella Althaus-Reid (1952-2009) desenvolveu uma densa experiência de trabalho popular. Sua docência e pesquisa desenvolveram na cátedra de teologia contextual da universidade a inclusão de temas relacionados à teologia feminista, à teologia *queer*, à teologia da libertação, ao debate entre marxismo e teologia e sobre as interfaces entre teologia, pós-modernidade e globalização. Nas palavras da autora:



Faço uma teologia articulando a sexualidade com a economia, uma Teologia Política, pois meu objetivo é dar substância à teologia. Quero uma teologia integral porque são as mulheres as que mais sofrem com os paradigmas sexuais da Igreja, quaisquer que sejam, como mulheres casadas, solteiras, hétero ou homossexuais etc. Há que se desvelar a ideologia heterossexual do Cristianismo. A Igreja Católica oculta a sexualidade de todas as formas. Por isso, há que desvelá-la, ter coragem, ser independente das estruturas da Igreja. Mas há que ser subversiva: pensar Deus através da experiência e essa experiência tem que ser a do pobre, do marginalizado. Para mim, todas as mulheres são pobres porque sofrem a exclusão da Igreja e da Academia. Temos de pensar a teologia a partir de nossa experiência de marginalidade sexual. Que nos diz a experiência de Deus a nós mulheres? Creio que é encontrar a Deus no meio de nossa sexualidade, enquanto amor, justiça, solidariedade (ALTHAUS-REID, 2004, p. 90 e 91).

A pesquisa teológica da autora aprofundou questões de sexualidade, estudos de gênero, assim como o corte materialista e feminista na hermenêutica bíblica. Foi criadora de um original enfoque teológico, a teologia *queer*, em que o tema da libertação se centra na condição da discriminação e na afirmação das pessoas de orientação LGBT. Para ela, toda teologia implica numa prática sexual e/ou política consciente ou inconsciente e que práticas políticas e atitudes sexuais estão simetricamente correlacionadas. Nesse sentido, as desconstruções das identidades sexuais comumente aceitas representam um passo importante nas estratégias de desconstrução dos projetos políticos e econômicos hegemônicos. A crítica aos processos de globalização na perspectiva de uma teologia sexual indecente requer a demonstração de como as formas hegemônicas de sexualidade — em particular a heterossexualidade patriarcal — condicionam o pensamento e as relações econômicas nos países pobres. O método de “indecentização” da autora é testado na figura de Maria ao mostrar formas indecentes de mariologia popular, que surgem como alternativas para as formas bem comportadas presentes nas teologias tradicionais e até mesmo na visão teológica feminista latino-americana. A autora desconstrói princípios tradicionais, como a solidariedade, por exemplo, para buscar na realidade vivida por grupos marginalizados, sinais de “homossolidariedade”. Em sintonia com essa visão, propõe uma compreensão cristológica a partir de epistemologias sexuais marginais, como o modelo do

“Bi/ Christ” (Cristo bissexual). Com o propósito de descobrir nos relatos populares os sinais de rebeldia contra a opressão política, sexual e cristã, a autora desenvolve ainda uma teologia narrativa de histórias sexuais marginais a partir do papel desempenhado por essas narrações nas comunidades pobres. Sobre o enfoque básico dessa obra, a autora comenta:

Utilizo a metáfora da sexualidade porque acho que é uma metáfora que nos mostra a concretude da vida. Quando convido as mulheres a fazerem uma teologia sem calcinhas [*teologia sin ropa interior*], pretendo chamá-las a fazer uma teologia metafórica, provocativa, subversiva. E, mais que tudo, acho importante a perspectiva ética na elaboração teológica. É indispensável fazer uma teologia a partir de seu contexto, uma coisa que os teólogos da libertação se esqueceram de fazer. Por isso, quando proponho às mulheres fazerem uma teologia sem calcinhas, é uma forma de lembrá-las quem são, o que sofrem, a violência que passam. É uma forma de fazer teologia contextual, uma teologia a partir de sua experiência de mulheres. Entendo o tema da subversão como um tema ético (ALTHAUS-REID, 2004, p. 90).

Com o seu segundo livro, *The Queer God* [O Deus Queer] (2003), Marcella estabeleceu um novo campo no estudo da teologia. Em sua abordagem, criticou as teologias feministas e da libertação, acrescentando as dimensões de uma teologia da sexualidade.

Entendo o “Deus Queer” como um Deus diferente de tudo o que se pensou até agora, que foge dos regimes da “normalidade” que é construída, sobre os quais temos que suspeitar, questionar. Um “Deus Queer” é um Deus que tem de ser descoberto. Para as mulheres é uma forma de pensar e relacionar-se com Deus de uma forma totalmente diferente. Nós não queremos destruir, mas queremos algo novo, queremos mudar o piso da Igreja. É um Deus que não tem presente, não tem passado, não tem futuro, mas a quem se pode encontrar obliquamente. Pensar Deus de forma oblíqua quer dizer que ele pode ser pensado de maneira diferente, de uma forma em que nunca se pensou antes. Na teologia patriarcal sempre se recorre à tradição, à autorização. E nós queremos um Deus “não autorizado”, que não foi pensado antes, que não necessita de uma história (ALTHAUS-REID, 2004, p. 92).

Marcella Althaus-Reid faleceu em 2009, em Edimburgo, na Escócia, com apenas 57 anos de idade. A produção dela, muito provavelmente pela radicalidade e profundidade temática, não se tornou bem divulgada nos espaços latino-americanos. São mais de uma dezena de livros em língua inglesa e espanhola, artigos científicos em revistas especializadas e outras publicações. Até o momento, pouquíssimos textos publicados em português. No entanto, a teologia que ela deixou como herança para as novas gerações representa uma pérola de altíssimo valor.

### **Considerações finais**

Procuramos com as reflexões realizadas socializar os resultados da pesquisa que tratou das vertentes teológicas protestantes que marcaram a gênese da Teologia Latino-Americana da Libertação nos anos de 1960 e desdobramentos ocorridos nas décadas seguintes.

Entre os resultados mais destacados das análises feitas estão os aspectos teológicos enfatizados por círculos protestantes no contexto da Teologia da Libertação, sobretudo a partir da prática ecumênica do movimento Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL), em especial os conteúdos teológicos da revista *Cristianismo y Sociedad*. Neste contexto se destacam a responsabilidade social cristã, a perspectiva ecumênica, a primazia da graça, a crítica profética em relação às formas idolátricas no campo sociopolítico e econômico e a eclesialidade de comunhão e serviço.

Descrevemos o quadro teórico em dois passos. O primeiro deles demonstrou a contribuição da primeira geração de teólogos da libertação, com suas correspondentes práticas sociais e ecumênicas, especialmente a de José Miguez-Bonino, Julio de Santa Ana e Rubem Alves. No segundo momento, os conteúdos descritos foram centrados na teologia protestante feminista de Elza Tamez e de Marcella Althaus-Reid, que se estruturou como crítica *ad intra* à Teologia da Libertação nas décadas seguintes. As principais dimensões desta produção que foram realçadas são a crítica bíblica à economia política e o tema da justificação pela fé, caros à tradição teológica protestante, e a reflexão sobre a sexualidade humana, sempre complexa, obstaculizada e desafiadora.

## Referências

- ALTHAUS-REID, M. *The Queer God*. Londres: Routledge, 2003.
- ALTHAUS-REID, M. Entrevista [por Sandra Duarte de Souza e Luiza Tomita]. *Mandrágora*, n. 10, p. 90-92, 2004.
- ALTMANN, W. *Lutero e a libertação*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ALVES, R. *Da Esperança*. Campinas: Papirus, 1987.
- BOFF, L.; BOFF, C. *Como fazer teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes/Ibase, 1986.
- DIAS, Z. M. *Discussão sobre a igreja*. Petrópolis: Vozes/Tempo e Presença, 1975.
- MIGUEZ-BONINO, J. *La fe en busca de eficacia: una interpretación de la reflexión teológica latinoamericana de liberación*. Salamanca-Espanha: Sígueme, 1977.
- PIXLEY, J. *A História de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- PIXLEY, J.; BOFF, C. *A opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- RIBEIRO, C. de O. *Testemunho e libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.
- RIBEIRO, C. de O.; CUNHA, M. do N. *O rosto ecumênico de Deus*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- SANTA ANA, J. *A Igreja e o desafio dos Pobres*. Vozes & Tempo e Presença, 1980.
- SANTA ANA, J. (ed). *A Igreja dos pobres*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.
- SANTA ANA, J. *Ecumenismo e libertação: reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- SANTA ANA, J. *O Amor e as paixões: crítica teológica à economia política*. Aparecida: Santuário, 1989.
- SHAULL, R. *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. Rio de Janeiro: CEDI, 1985.
- SHAULL, R. *A Reforma Protestante e a Teologia da Libertação: perspectivas para os desafios da atualidade*. São Paulo: Pendão Real, 1993.

SHAULL, R. *Surpreendido pela graça*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SHAULL, R.; CESAR, W. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs*. Petrópolis: Vozes/Sinodal, 1999.

TAMEZ, E. *A Bíblia dos oprimidos: a opressão na teologia bíblica*. São Paulo: Paulinas, 1980.

TAMEZ, E. *Contra toda condenação: a justificação pela fé partindo dos excluídos*. São Paulo: Paulinas, 1995.

Recebido: 28/06/2017

*Received: 06/28/2017*

Aprovado: 20/10/2018

*Approved: 10/20/2018*